

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

AGNES JOSE MARIA SALAS ROLDAN

O banzo e ressignificações na arte de Sidney Amaral

São Paulo

2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

O banzo e ressignificações na arte de Sidney Amaral

Agnes Jose Maria Salas Roldan

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Cultura, Educação e
Relações Étnico-Raciais.

Orientadora: Profa. Dra. Alecsandra Matias de Oliveira

São Paulo

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e a espiritualidade por me manterem firme e corajosa em meu propósito. Sou feliz e abundante porque Deus e a espiritualidade me agraciaram com tamanha virtude: a vida. A esta dedico todo meu esforço, para honrar os meus ancestrais; que os passos que foram dados antes de mim me ensinem, mas não me segurem sob o prisma de antigas realidades; que eu saiba que o futuro é agora e não me apresse em torno das hordas caóticas do presente.

Agradeço a minha família que me presenteou com valores inestimáveis e me deu a oportunidade de frequentar essa especialização sem tantos percalços no caminho.

Também agradeço a todos os que compõem a organização deste programa de pós-graduação *lato sensu* e acompanharam de perto a trajetória assídua de todos os alunos. Aos meus colegas, pelas trocas diversas e alegres.

À Profa. Dra. Alecsandra Matias de Oliveira presto meus agradecimentos pelo direcionamento tão acolhedor, bem como por todo o conhecimento transmitido e o acompanhamento de toda a construção deste trabalho. Carregarei comigo sempre profunda admiração e inspiração de suas palavras e ações.

Por fim, agradeço ao artista que deu asas a este trabalho, Sidney Amaral. É uma honra poder compartilhar, mesmo que de maneira tão breve, suas obras e legado. Me sinto completa quando sou tocada pela profundidade de suas leituras artísticas e, mesmo sabendo que ele jamais irá ler este trabalho, ainda preciso demonstrar gratidão por sua vida aqui. Um artista não é sua arte, a arte não é sua vida, porém em dias sublimes, tudo é um só.

Este artigo é o fruto de um momento extremamente difícil e alegremente doce da minha existência, um momento onde conflito com minha própria mente, um momento onde após tantos silêncios resolvi falar sobre o que me afeta. É um trabalho que foi escrito com sentimento, agradeço a todos os leitores que me darão a honra do seu tempo aqui, não consegui atingir o meu ideal de excelência, mas através dessa escrita compreendi muitas coisas sobre mim.

O banzo e ressignificações na arte de Sidney Amaral¹

Agnes Jose Maria Salas Roldan²

Resumo: O presente artigo se debruça sob o tema “O banzo e ressignificações na arte de Sidney Amaral” pensando nas conjunturas históricas e sociais, bem como na trajetória da palavra *banzo*, sendo assim apresentará a pesquisa realizada com foco no período histórico, etimologia da palavra e diferentes artistas que conversam com a melancolia ou com o banzo, por fim, discorrerá sobre o quadro *Banzo ou anatomia de um homem só* (2014), que abre a instalação de Sidney Amaral intitulada *O banzo, o amor e a cozinha de casa*, que foi composta por 50 peças entre elas pinturas, desenhos e esculturas e esteve no Museu AfroBrasil em maio de 2015. Assim, a pesquisa buscou analisar, compreender e identificar as conexões entre as intersecções do tema, valorizar a vida e olhar subjetivo do artista sobre o que seria o “*banzo*”, bem como apresentar os processos relacionados à arte afro-brasileira no Brasil, visando assim apresentar as ressignificações do sentimento *banzo* dentro da arte.

Palavras-chave: banzo; arte; ancestralidade; sentimento e ressignificação.

Abstract: This article focuses on the theme "Banzo and its re-significations in the art of Sidney Amaral", thinking about the historical and social conjunctures, that led Brazil to submit to current structures, that is, to the remnants of having been a colonized country and with of slavery a condition compared to that of a slave in respect of exhausting labor or restricted freedom and how the artistic process connects to this story, so the narrativy present will bring to dialogue with the theme and different artists who talk about melancholy or banzo, finally, it will discuss the painting *Banzo or Anatomy of a lonely man* (2014), Sidney Amaral's exhibition *Banzo, Love and Home Kitchen*, which was composed of fifty works including paintings, drawings and sculptures and was at the AfroBrasil Museum in May 2015.

Key words: banzo; art; ancestry; feeling and resignification.

Resumen: Este artículo se centra en el tema "Banzo y sus re-significaciones en el arte de Sidney Amaral", pensando en las coyunturas históricas y sociales, que llevaron a Brasil a someterse a las estructuras actuales, es decir, a los restos de haber sido un país colonizado y con de la esclavitud una condición comparada a la de un esclavo con respecto al trabajo agotador o la libertad restringida y cómo el proceso artístico se conecta a esta historia, por lo que la narrativy presente traerá a dialogar con el tema y diferentes artistas que hablan de la melancolía o banzo, por último, se discutirá la pintura *Banzo o Anatomía de un hombre solitario* (2014), la exposición de *Sidney Amaral Banzo, Amor y Cocina Casera*, que se compone de cincuenta obras entre pinturas, dibujos y esculturas y fue en el Museo AfroBrasil en mayo de 2015.

Palabras clave: banzo; arte; ancestralidad; sentimiento y resignificación

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais.

² Licenciada em Ciências Sociais pela FMU, mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da UFSCar - *Campus Sorocaba* e bolsista CAPES.

1. INTRODUÇÃO

“Tento trazer tudo que me afeta.” Sidney Amaral, 2016

O presente artigo³ se desenvolve sob a perspectiva do tema “*O banzo e ressignificações na arte de Sidney Amaral*”, tendo como pontuação principal os possíveis significados que essa palavra ganha dentro da arte, em especial no campo da arte afro-brasileira. Nesse sentido, o histórico da palavra *banzo* tem diversas traduções ou entendimentos do que seria esse *sentimento* tratado, genericamente, como estado de melancolia ou depressão sentido por pessoas sequestradas e escravizadas no Brasil.

A temática que orientou o processo de pesquisa, remete ao período da colonização, que foi um processo histórico devastador e mundial. Relembrando a história do Brasil, durante o período pré-colonial⁴, Portugal alcança a “pacificidade” do país e com isso se iniciam as expedições marítimas com foco em explorar novos continentes, assim seguem o plano do périplo africano, e após serem informados sobre outras terras, chegam ao país que hoje chamamos de Brasil em 1500 (XAVIER; XAVIER, 2012).

³ Este artigo começou a ser desenvolvido após inúmeros incômodos pessoais, que levaram a minha vivência para um caminho bifurcado, encontrei na ideia de *banzo* um resgate do que poderia ser sentido de diferentes formas no mundo atual pelas pessoas negras. Na época eu ainda vivia um confronto sobre minha identidade pessoal, que se estende até os dias atuais, e que se interliga com a história da minha família. Assim, o *banzo* me trouxe um olhar maior das questões existenciais que carregamos por gerações, peço licença para resgatar o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo para afirmar que poder escrever e narrar nossas próprias histórias não só conduz novos caminhos, mas é um processo de poder político. Pouco tempo depois desses dilemas e de muitas reflexões, me encontrei com as obras de Sidney Amaral, neste momento tive a certeza que era necessário olhar para a leitura do *banzo* dentro da arte. Sendo assim, me aprofundi especialmente nas obras e vida de Sidney Amaral que foram condutoras da pesquisa que será apresentada neste artigo, porém compreendi que seria importante trazer obras de outros artistas como forma de elucidar sobre as diversas leituras da *melancolia* e do *banzo* na arte. Citando Patricia Hill Collins, “[...] É aqui que me afasto de Audre Lorde, que aconselha: “seu silêncio não te protegerá”. Meu silêncio no ensino médio de fato me protegeu, mas não me quebrou. Eu consegui meu diploma.”

⁴ A Colonização oficial pelos portugueses das terras que mais tarde seriam chamadas de Brasil não foi por acaso. O projeto de expansão marítima encetado pelos europeus em busca de território e riquezas, além de uma necessidade, fazia parte também dos planos das monarquias nacionais consolidadas a partir da segunda metade do século XIV. Tendo sido Portugal uma dessas monarquias pioneiras permite entendermos, naturalmente, que essa nação tenha se projetado ao longo dos mares em busca de conquistas. Esses fatos estão diretamente ligados com o fim da Idade Medieval (século XV) e, principalmente, com a substituição do modo de produção Feudal para o Capitalismo do mundo moderno. (XAVIER; XAVIER, 2012. Pág. 1840)

Contudo, o território brasileiro já existia antes da história contada a partir da narrativa europeia de chegada da “civilização”⁵, este solo tinha sua própria organização, realizada por diferentes povos indígenas, povos estes que cultivavam grandes riquezas e saberes. A expansão mercantilista buscava riquezas, extração e importação, era o descobrimento que deu forma ao “mundo” ocidentalizado, o início da busca por *capital*.

A partir disso, não somente as populações indígenas passariam por uma devastação de seus saberes, mas também, mais tarde, diferentes povos africanos trazidos como escravos ao Brasil seriam submetidos a todo tipo de tortura em prol da aniquilação de sua força e saberes coletivos.

A casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o bangüê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao paterfamilias, culto dos mortos etc); de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o "tigre", a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo). Foi ainda fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa casa de misericórdia amparando os velhos e as viúvas, recolhendo órfãos. (FREYRE, 2003, pág. 18)

Retornar ao período histórico pré-colonial e colonial fez parte da pesquisa, uma vez que o sentimento de *banzo* passa por essa quebra, não seria simplesmente um processo de melancolia do ponto de vista psicológico, mas sim o trauma constante de um processo de mortes, sendo elas simbólicas, emocionais e físicas.

Assim, o *banzo* envolve muitos processos históricos ligados à construção da palavra que dá voz ao sentimento. Conforme Oda (2008, p. 756): "*Diz o Vocabulário de Bluteau que um jogo estava banzeiro, quando nem uma nem outra parte ganhava – uma definição enervante. A história do banzo remete a um jogo assim, de escravos contra senhores, de vida contra a morte, em longa e tensa peleja.*".

De acordo com os estudos etimológicos da palavra, é possível encontrar diversas leituras, em sua maioria, ligadas às questões históricas do período colonial e ao tráfico transatlântico. Não existe um consenso dentro das pesquisas etimológicas sobre esta tradução, porém diversos estudos sugerem que a palavra estava ligada ao quimbundo *mbanza*, que na tradução seria *saudade da aldeia* (HAAG, 2010).

⁵ Os grupos indígenas encontrados no litoral pelo português eram principalmente tribos de tronco tupi que, havendo se instalado uns séculos antes, ainda estavam desalojando antigos ocupantes oriundos de outras matrizes culturais. Somavam, talvez, 1 milhão de índios, divididos em dezenas de grupos tribais, cada um deles compreendendo um conglomerado de várias aldeias de trezentos a 2 mil habitantes (Fernandes 1949). Não era pouca gente, porque Portugal àquela época teria a mesma população ou pouco mais. (RIBEIRO, 1985. Pág. 31)

Alguns escritos da época tentavam responder ou resolver o *banzo*, como problema da psicopatologia, relacionado a outros sintomas, tidos como comuns e, não necessariamente, ligados à escravidão – esses mesmos escritos destacavam a importância dos cuidados para que essa melancolia não fosse generalizada dentro das fazendas (ODA, 2008).

A busca pelo sentido da palavra *banzo* é recuperar um passado difícil e Fanon (2008, p. 215) nos alerta sobre as armadilhas da História guardadas nos atos e nas palavras:

[...] Por outras palavras, nossos atos não cessam nunca de nos perseguir. Seu arranjo, sua ordenação, sua motivação podem perfeitamente aparecer a *posteriori* profundamente modificados. Não é esta uma das menores armadilhas que nos prepara a História com suas múltiplas determinações. Mas podemos escapar à vertigem? Quem ousaria supor que a vertigem não assedia toda a existência? (FANON, p. 215, 2008).

Fanon apresenta principalmente uma ideia de descolonização⁶, com foco em alertar que não seria possível olhar para a realidade da população negra com uma perspectiva europeia. O autor rompia com a comparação simplificada e em seus escritos apresentava o que seria a reação a essa realidade, se firmava numa visão que também buscava prática.

A pesquisa realizada relacionou o coletivo e o individual, por isso a presença de Fanon conduz o debate. O *banzo*, sendo tratado como uma patologia ligada à escravidão, precisaria de um rompimento e este deveria ser realizado coletivamente. No caso do Brasil, as "libertações" foram forçadas por políticas externas a colônia portuguesa e contra vontade do reinado português, deixando lacunas e resquícios profundos nas relações sociais, a partir da leitura do autor entende-se que sem rompimento do vínculo entre o colonizador e o colonizado não seria possível cura de patologia.

Uma vez que o entendimento do que seria o *banzo* não pode se ater somente a etimologia, os estudos aprofundados da história por uma perspectiva decolonial apontam uma

⁶ As escolas psicanalíticas estudaram as reações neuróticas que nascem em certos meios, em certos setores da civilização. Obedecendo a uma exigência dialética, deveríamos nos perguntar até que ponto as conclusões de Freud ou de Adler podem ser utilizadas em uma tentativa de explicação da visão de mundo do homem de cor. (FANON, 2008. Pág.127)

outra maneira de compreender o que seria este sentimento, inclusive aprofundando estudos que olham para os resquícios que os territórios que passaram pela colonização carregam até os dias de hoje (SILVA, 2018)⁷.

Desse modo, o *banzo* passou por diferentes leituras, inclusive esteve presente em estudos médicos, científicos, sociológicos e até processos literários da época. De fato, o sentimento acometia as pessoas negras. Então, se faz necessário compreender o processo de ressignificação do *banzo* junto às subjetividades das pessoas negras, dando ênfase que a subjetividade se constrói a partir da troca com o mundo do “outro” conjuntamente da ideia do “eu” (CALADO, 2013).

Um sentimento não é sentido ou retratado da mesma forma por todas as pessoas, tampouco construído sob a mesma ótica, entende-se, sobretudo, que estamos falando sobre o consenso de que as pessoas negras escravizadas não eram humanizadas e tinham suas culturas atravessadas pela separação e aniquilação.

Quando o tema é colocado na cena artística afro-brasileira, o artista pode ou não falar sobre suas vivências, unindo-as ao histórico de construção da ideia do que seria o povo brasileiro. Porém, encontramos nas obras de diferentes artistas conceitos que se relacionam com suas próprias histórias de vida ou momentos que os marcaram. Por vezes, a arte vem como bálsamo para aqueles que querem olhar um pouco ou muito de si mesmo.

[...] Para negros e descendentes, essa é uma questão-chave: a diáspora rompeu com os laços familiares e a reconstrução dessa linha condutora é algo extremamente importante para esse indivíduo. (OLIVEIRA, p. 41, 2012)

Distintos artistas afro-brasileiros evocam temas relacionados ao *banzo*. A presente pesquisa defende a ideia de que existem diversas ressignificações desse sentimento, quando expresso na arte, bem como suas releituras mostram novos horizontes que se conectam com a ideia do *banzo* ligada ao período histórico escravocrata. Assim sendo, o projeto tem como hipótese norteadora de que existe um olhar específico de cada artista para o que seria esse sentimento.

⁷ Pensar o Banzo em uma leitura afroperspectivista é refletir não apenas um conceito, é contextualiza-lo em seu significado dentro da história e na história dos africanos que sofreram de melancolia, da nostalgia angustiante, da doença para morte, ou, que vivenciavam um movimento único em torno do seu Lar Racial (APPIAH, 1997). As definições que o conceito Banzo nos traz, permite entende-lo para além do estado físico-psíquico em que os negros escravizados se encontravam ao chegar no Brasil, o Banzo é um conceito que aqui passarei a entender a partir de um Afroperspectivismo Filosófico, caracterizado por uma condição existencial, tendo, por conseguinte, uma expressão nas estruturas raciais neoliberais em que vive homem negro contemporâneo. Neste caso, é intemporal. Ou seja, é também ancestral.

O artigo se divide em três partes, sendo a primeira parte uma contextualização histórica do *banzo*, a segunda que dialoga a partir da pesquisa realizada sobre a melancolia na arte⁸, um processo de estudo que envolveu análise, seleção e leitura sobre cada obra e artista, aprofundando-se mais especificamente na obra de Roger Silva que dialoga com a ideia de *banzo* em suas fotografias, e a terceira parte que traz o artista principal que conduziu a pesquisa realizada, Sidney Amaral, e três peças que foram expostas em sua exposição no Museu Afro Brasil em 2015.

O artista principal que conduziu a pesquisa realizada em prol da construção deste artigo, como anteriormente citado, foi Sidney Carlos do Amaral, artista, homem negro e paulista que teve extensa atuação no campo das artes visuais e durante muitos anos conciliou sua vida de artista com sua vida como professor. Além disso apresentou em todas as suas obras um enorme aprofundamento das próprias emoções, definido por ele como “busca por entender quem eu sou nesse mundo”, assim não somente trabalhando com tudo que lhe afetava, mas também com o que incomodava.

Segundo o artista, ele trabalhava com “duas vertentes”, pintura e escultura, passando a se dedicar mais às pinturas após 2009 e um longo período focado nas esculturas. Em suas pinturas, trabalhou com a autorrepresentação a partir dos autorretratos, que inclusive deram vida a parte inicial da pesquisa realizada.

Na produção artística de Sidney Amaral⁹, é possível encontrar uma relação que o artista traduz como agridoce – algo que seria o agressivo conversando com a fragilidade. Esse movimento dá a sua obra uma sensibilidade e olhar únicos que este estudo pretendeu aprofundar, buscando compreender como a união da arte com os conceitos histórico-sociais poderia ressignificar a ideia de *banzo*.

Desse modo, formula-se a pergunta principal que norteou a presente investigação: Como Sidney Amaral percebe o *banzo*? E, mais ainda, quais são as ressignificações que se apresentam a partir do olhar do artista?

⁸ Os conceitos que envolvem a melancolia são porosos, com oscilações de cunho religioso, científico, social, artístico entre outros. Os tratados das paixões que se tornam populares durante o século XVI e XVII constituem os guias para a autoanálise, transformando-se em instrumentos distintos à descrição médica. (BARBOSA, 2011. Pág. 25)

⁹ O artista paulista (1973-2017) teve forte atuação, sendo licenciado em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). Estudou pintura acadêmica e fotografia no Museu Brasileiro da Escultura (MUBE) e participou de diversas exposições coletivas e individuais. Faleceu aos 47 anos, em decorrência de um adoecimento precoce.

Nesse âmbito, destaca-se a necessidade de conhecer os saberes e a cultura popular oral. Assim, esse estudo se preocupa com a ressignificação desse sentimento expresso em palavra dentro do universo artístico de Sidney.

Com o exercício de realizar uma reflexão sobre o *banzo*, retoma-se a exposição “*O banzo, o amor e a cozinha de casa*”, realizada por Sidney Amaral, em maio de 2015, no Museu AfroBrasil. Nessa mostra, dividida em três partes, o *banzo* é a primeira, composta, em sua maior parte, por autorretratos. O amor seria parte dos afetos da exposição e a cozinha de casa constituiu-se por esculturas montadas e reformuladas em metal.

A pesquisa aprofundou o olhar sobre a obra *Banzo ou anatomia de um homem só* (2014) (**Fig. 06**), um autorretrato com a representação de um corpo dilacerado. Amaral evidencia em sua obra um sentimento denso e subjetivo.

O *banzo* assume outros significados, para além do lugar ancestral da palavra, há a utilização da expressão para a subjetividade que se conecta com a vida do artista e suas formas de fazer arte, sendo a palavra uma definição de sentimento. Este sentimento segue a fluidez das possíveis formas de ser sentido, trazido agora para um cenário dentro da arte negra contemporânea.

A ressignificação do *banzo* dentro da arte não está somente no resgate da etimologia da palavra ou nos estudos acerca de registros ancestrais, também é uma significação do hoje e uma releitura de perspectiva. Como Amaral deixa explícito em suas falas, existe uma mistura entre os debates políticos, antropológicos, resgates e alinhamentos pessoais e mais “afetuosos”. O artista possui liberdade para compor sua obra e no caso do uso do *banzo* não seria diferente, a palavra retorna como arte, como coletividade, como subjetividade e como narrativa.

Desse modo, a leitura sobre os trabalhos tem como suporte os estudos históricos, sociais e antropológicos relacionados à palavra, bem como salienta sempre o local da arte dentro da construção a ser pesquisada, seguindo os alinhamentos éticos da pesquisa científica e respeitando a vida e obra do artista pesquisado.

Evidencia-se o histórico da palavra e o que seria a arte afro-brasileira contemporânea, bem como valorizar a vida e trajetória do artista como parte primordial da obra a ser analisada. A metodologia utilizada durante o desenvolvimento da pesquisa que auxiliou na construção deste artigo foi qualitativa, bibliográfica e é desenvolvida dentro do campo das artes visuais, com análise das obras do artista, sua história e os significados e símbolos a serem compreendidos. Como este artigo está baseado numa pesquisa, pretende-se empregar a análise interpretativa para a compreensão dos códigos, símbolos e possíveis questões que surjam ao longo do seu desenvolvimento dentro do campo das artes visuais (GEERTZ, 2008).

1. O BANZO NA HISTÓRIA

No Dicionário do Brasil, Nei Lopes traz algumas definições sobre o banzo que também não são tão utilizadas atualmente, porém resgatam o histórico da palavra. Segundo Lopes, o banzo "É uma nostalgia mortal que acometia negros africanos escravizados no Brasil".

O sentido de *banzo* tem o peso do que seria a *nostalgia*, ocasionada pelas diversas agressões vividas pelas pessoas negras vindas como escravas ao Brasil; o sentido não escapa às questões da subjetividade e da construção do que seria um lar ou uma coletividade, tendo em vista que enfatiza as discussões dentro do *existir-negro* (SILVA, 2018).

O termo *banzo* tem longo histórico, guiado pelos estudos de enfermidades ligadas às neuroses, inclusive alguns que o apresentavam como um tipo de doença que não estava intrinsecamente ligada ao período escravocrata. Aqui, como pesquisadora, afirmo que este breve artigo não consegue trazer para debate uma discussão ampla sobre o *banzo*, realizando então apenas um breve olhar de análise.

O banzo deu cabo de muitos. O banzo - a saudade da África. Houve os que de tão banzeiros ficaram lesos, idiotas. Não morreram: mas ficaram penando. E sem achar gosto na vida normal - entregando-se a excessos, abusando da aguardente, da maconha, masturbando-se. Doenças africanas seguiram-nos até o Brasil, devastando-os nas senzalas. (FREYRE. 1987, p. 464).

Tendo como base a pesquisa de Oda, é possível afirmar que os questionamentos em relação ao que exatamente seria esse sentimento ainda não estão findados, a pesquisadora discorre, por exemplo, sobre o termo *banzar*¹⁰, também aponta diferentes autores para dialogar com o fato da palavra *banzo* iniciar sua trajetória linguística na segunda metade do século XIX, assim passa por diferentes olhares, que tentam entender o que seria essa *nostalgia* ou *melancolia* associada ao *banzo*.

Esse sentimento passa a ser comparado também com patologias, em muitos escritos associados à distância da terra natal; em outros, à ausência de liberdade e alguns autores naquela

¹⁰ A palavra *banzar* é definida como a ação de “pasmarse com pena”, no primeiro dicionário da língua portuguesa, o Vocabulário Portuguez & Latino, aulico, anatomico, architectonico bellico, botanico etc., de autoria do padre Rafael Bluteau, publicado em Coimbra (1712-1728). Ali, explica-se também que *banzeiro* significa “inquieto, mal seguro”, e um mar *banzeiro* estaria em estado de duvidosa tensão, assim: “nem quieto, nem tormentoso”, ou, em latim, *dubium mare* (Bluteau, 1712, p. 37). Já em 1707, Miguel Dias Pimenta descrevera uma epidemia – o “achaque do bicho”, ou febre amarela, que matou centenas de pessoas em Pernambuco, no ano de 1685 (quase todos homens brancos) – e mencionara que aqueles que chegavam a “banzar, ou ter de pesar”, mesmo sendo homens fortes, depressa sucumbiam à doença e rapidamente morriam (PIMENTA, 1956, p. 511).

época ainda estabelecem comparações com outras patologias associadas à guerra. Porém, o *banzo* ainda permanece nos sentimentos e nos olhares de quem foi roubada a chance de saber de onde antecede sua história.

Frantz Fanon (2008 e 2009), em seus escritos, realiza muito mais do que a possibilidade de compreensão da realidade da pessoa negra em um contexto pós-colonial, abordando em seus livros uma visão profunda e que passa por diversos olhares. Em seu livro **Pele negra, máscaras brancas**, aborda diversas situações, inclusive algumas que levantam ideias opostas, como um homem africano se vê pertencente à sua etnia dentro de seu país, mas não à ideia de homem negro que é baseada na visão eurocêntrica.

No capítulo *O negro e a psicopatologia*, Fanon (2008) aprofunda mais ainda seu olhar para as trocas dentro de uma sociedade com o olhar hierarquizado pela cor, aponta diversos questionamentos utilizando-se de textos de autores, como Freud e Sartre. “[...] *Ora, isto é muito importante, constatamos o inverso no caso do homem de cor. Uma criança negra, normal, tendo crescido no seio de uma família normal, ficará anormal ao menor contacto com o mundo branco. Como talvez esta proposição não seja compreendida de imediato, avançaremos retrocedendo*” (FANON, 2008, p. 129).

Considerando o olhar de Fanon em um contexto diferente do que ele analisa na época, pode-se ter uma compreensão melhor do que seria o *banzo*, um sentimento que atravessa o tempo e o oceano, a neurose de não ter sobrenome ou quaisquer referências de parentescos, de não ter um lar, todavia de se ter a experiência de conviver em uma sociedade extremamente marcada pela questão racial, de forma hierárquica na qual o centro da história são sempre as pessoas brancas, sendo algozes ou não, o europeu está centralizado na narrativa. O autor busca, então, a compreensão prática de como repensar a sociedade sem uma visão hierarquizada.

Quando se discorre sobre *banzo* ao longo dos períodos históricos, obviamente, percebe-se uma mudança, mas qual a história? A palavra que expressa inúmeros sentimentos vividos e revividos é ressignificada para a época, mas carrega a ancestralidade de um mar de emoções à travessia dos Oceanos que guardam diversos corações separados de sua terra. “[...] *O preto o ignora enquanto sua existência se desenvolve no meio dos seus; mas ao primeiro olhar branco, ele sente o peso da melanina*” (FANON, 2008, p. 133).

Assim, ao discorrermos sobre o *banzo*, temos um longo histórico léxico e de compreensão do que seria esse sentimento para além dos significados plurais, todavia o olhar deve voltar-se mais profundamente para como esta nostalgia ainda é viva nos dias de hoje dentro da arte, como este sentimento se ressignifica e ainda causa tantos temores.

2. DA MELANCOLIA AO BANZO NA ARTE

Ah quanta melancolia!

Quanta, quanta solidão!

Aquela alma, que vazia,

Que sinto inútil e fria

Dentro do meu coração!

Que angustia desesperada!

Que mágoa que sabe a fim!

Fernando Pessoa

O sentimento de melancolia retratado na arte aparece em diferentes momentos e com obras de variados artistas, por vezes até relacionada com uma possível inspiração divina no período do Renascimento, um momento onde o artista estava introspectivo para assim ter criatividade. O resgate histórico passa primeiramente pela Grécia Antiga, do grego (μέλας "negro" e χολή "bilis"), sendo este sentimento o guia de sofrimento ou alegria, doença ou saúde, segundo Hipócrates. Após isso, ela se torna a “doença dos gênios” na visão de Aristóteles, chegando até a Idade Média onde era associada à perda da fé na salvação (BARBOSA, 2011).

Já no período renascentista existe uma afeição pelo sentimento melancólico, tendo em vista que este traria criatividade, e no romantismo ela faria parte do ócio benéfico¹¹. Assim, o sentimento passa por distintas adequações a depender do período histórico, cultura ou sociedade. Se olharmos para o mundo ocidental, a melancolia teve distintos “lugares” até chegar a um sentimento que deveria ser tratado como doença no século XX, e em estudos exclusivamente médicos (BARBOSA, 2011).

A recuperação da melancolia na arte de maneira geral foi necessária dentro do processo de pesquisa para compreender as diferentes formas de ressignificação dos sentimentos dentro da arte, assim serão apresentadas abaixo duas obras distintas que retratam a melancolia e fazem parte de diferentes períodos históricos.

¹¹ É através do Romantismo, no século XIX, que a melancolia retorna às discussões estéticas. O interesse do homem pela natureza, pelo exótico e pelo selvagem revigora a tradição aristotélica. Nessa perspectiva, as poéticas de Arnold Böcklin e Max Klinger unem elementos míticos à beleza e à tristeza. O sentir-se melancólico torna-se atributo para a aquisição de conhecimento, isto porque a autorreflexão proporcionada pelo sentimento levaria às novas percepções do mundo. (BARBOSA, 2011. Pág. 15)



Figura 01 - Louis Jean-François (1725 - 1805), *La Mélancolie*, 1785.

Óleo sobre tela, 0,5 X 0,63 m

Museu do Louvre, Departamento de Pinturas

A obra de Louis Jean-François Lagrenée é extremamente conhecida no mundo da arte como uma das peças importantes na sua trajetória enquanto artista. Louis, nasceu em Paris em 1705 e teve uma carreira brilhante como artista, sendo ganhador do Prix de Roma (bolsa de estudos que o governo francês dava a estudantes de arte que se destacavam), cidade onde estudou sobre os mestres antigos e modernos e atuando como Diretor da Academia de Belas Artes de São Petersburgo de 1760 a 1762.

O olhar do artista sobre a melancolia lembra a quem aprecia sua arte um estado de “tédio” e “solidão”, a obra faz parte do Rococó¹², trazendo cores claras e leves junto a uma textura que parece levar a uma viagem, tendo em vista que uma das características da época era o sentimento retratado na arte. Também pode-se voltar às definições dadas a este sentimento no período histórico que o artista viveu, durante o qual a melancolia ainda se relacionava com a ideia das produções artísticas.

O segundo artista que a pesquisa encontrou para retratar a expressão da melancolia na arte em outro período foi Pablo Ruiz Picasso. O pintor, escultor, ceramista, poeta, dramaturgo e cenógrafo (1881 - 1973) nasceu em Málaga, na Espanha e até os dias atuais é

¹² Período artístico, iniciado em XVIII durante o Iluminismo.

mundialmente conhecido, especialmente por seus diferentes períodos artísticos e as características que cada um deles traz, sendo ao todo 9 períodos distintos.

A pesquisa se apoiou no primeiro período que ocorreu de 1901 a 1904, chamado de Período Azul, onde as obras de Picasso foram extremamente influenciadas por seus sentimentos. Na época, o artista havia perdido um amigo em decorrência de um suicídio, Carles Casagemas.

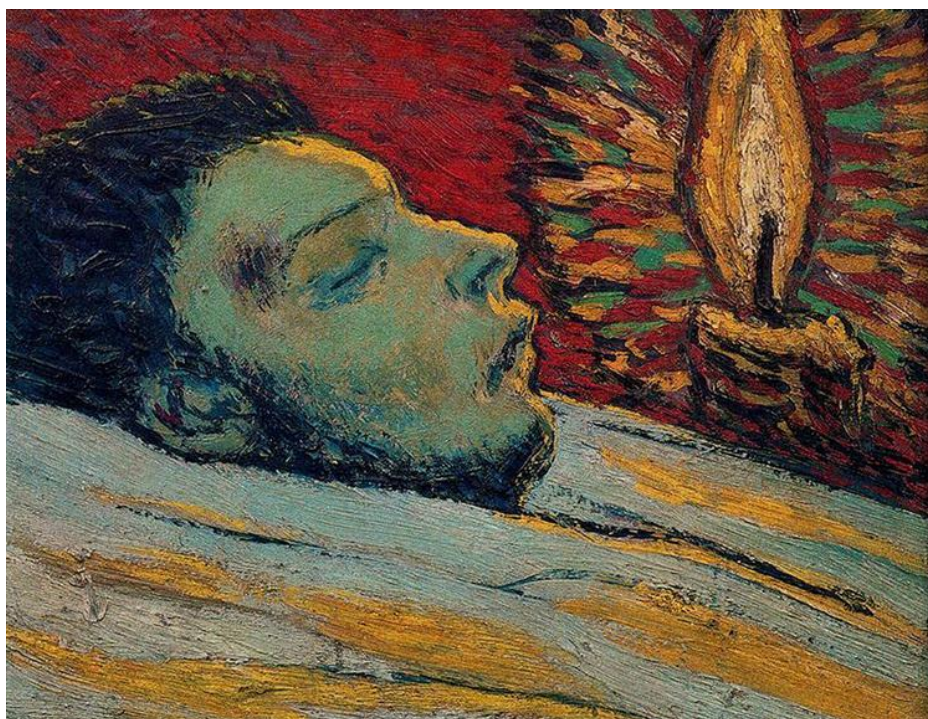


Figura 02 - Pablo Picasso (1881 - 1973), *La mort de Casagemas*, 1901.

Óleo sobre madeira, 27 x 35 cm

Museu Picasso, Paris, França

Este período da obra de Picasso foi singularmente marcado pela melancolia, cores frias e semblantes angustiantes. Seria possível escolher outras obras deste período, como por exemplo, *Tragédia* de 1903, contudo a escolha se deu não somente pelo realismo que o artista trazia em suas peças unido à profundidade de seus sentimentos, mas também pela resignificação da retratação de uma perda através da arte. A melancolia está retratada na realidade do artista, não somente numa ideia de contemplação e introspecção, a peça se torna uma sublimação dos sentimentos de Picasso ou simplesmente a comunicação da realidade dele.

Assim, diferentes artistas buscaram retratar seus sentimentos, e em especial o sentimento de melancolia, através da arte, contudo somente a definição de melancolia não compreende o que seria o *banzo* dentro de uma perspectiva afro-brasileira. A pesquisa realizada foi importante para a construção da ideia de que o sentimento na arte não é algo recente, e que

a melancolia ganha diferentes significados a depender da época e do artista que decide retratá-la. Contudo, é necessário salientar que, a melancolia dentro de um contexto europeu é distinta da ideia do *banzo*, especialmente pensando no resgate que os artistas buscam realizar.

Avançando o debate para os dias atuais, chega-se ao campo da arte contemporânea brasileira, onde o *banzo* aparece com diferentes linguagens. A fim de realizar um breve diálogo artístico, antes de discorrer especialmente acerca da obra do artista Sidney Amaral, será apresentada uma fotografia de Roger Silva, que no ano de 2021, durante a pandemia, realizou um ensaio de autorretratos intitulado Banzo (**Fig. 03, 04 e 05**).



Figura 03 - Roger Silva, Banzo (Livro Fotográfico. Vol. 1), 2021.
Autorretrato fotográfico
Artisan Raw Books



Figura 04 e 05 - Roger Silva, Banzo (Livro Fotográfico. Vol. 1), 2021.
Autorretrato fotográfico
Artisan Raw Books

Roger Silva, é historiador, professor, fotógrafo e adesivador, morador da periferia de Maceió. Seu projeto faz parte da microbolsa oferecida pelo EL PAÍS em parceria com a editora de livros de fotografia Artisan Raw Books Artisan, apoiada pelo Favela em Pauta, uma iniciativa que visava retratar a realidade das periferias e era destinada a fotógrafos independentes.

O livro fotográfico de Roger leva o público a uma viagem dentro de sentimentos como angústia e solidão. O próprio artista produziu os autorretratos pensando nos dilemas da população negra no Brasil e a escolha do título *Banzo* foi pela lembrança histórica dos sentimentos vividos pelas pessoas escravizadas no Brasil (EL PAÍS). É importante salientar que Roger é historiador, então, o recorte feito por ele também leva olhares múltiplos de diálogo entre a história e sua arte.

Comum a todas elas, entretanto, o espírito de reivindicação identitária e de luta pelos direitos civis de minorias políticas que têm marcado nosso tempo presente (Hall, 2009). E que vêm adentrando o terreno das artes especialmente na reivindicação de revisão dos critérios expositivos das galerias e instituições, suscitando novos arranjos curatoriais com base em critérios raciais, de gênero, regionais (Foster, 2005; McClintock, 2010), distintos dos recortes mais usuais inspirados na história da arte. A presença rarefeita de negros, mulheres ou artistas fora do eixo Rio-São Paulo nos grandes museus e galerias é um desses aspectos que tem sido objeto de questionamentos cada vez mais frequentes no Brasil. Não só em debates e seminários, mas também nas escolhas curatoriais das exposições. (NETO, 2018, pág. 82)

Assim, o *banzo* aparece na arte contemporânea relembando o histórico da palavra, porém com olhares únicos e subjetivos de novas questões, como a pandemia, por exemplo, o que é ser negro dentro de um cenário pandêmico? O que é ser negro no Brasil em 2021? As angústias e o sentimento de solidão estão presentes e parecem persistir, mas sob novos dilemas e especialmente dentro da arte afro-brasileira contemporânea, existe quase que um compromisso de resignificação dos olhares para as temáticas negras e para os corpos das pessoas negras dentro da arte.

O *banzo* de Roger surge num autorretrato em preto e branco, um fundo que mostra uma profundidade, um corpo mascarado, porém sensível, angustiado, solitário e que está presente participante da fotografia, existe movimento. Não existe perda no histórico léxico da palavra, na verdade, existe um resgate importantíssimo ocorrendo e que é tomado por sentimento e que resignifica as trajetórias cercadas pelas perdas no vasto Oceano.

3. QUERO VIVER ATÉ O FIM O QUE ME CABE¹³

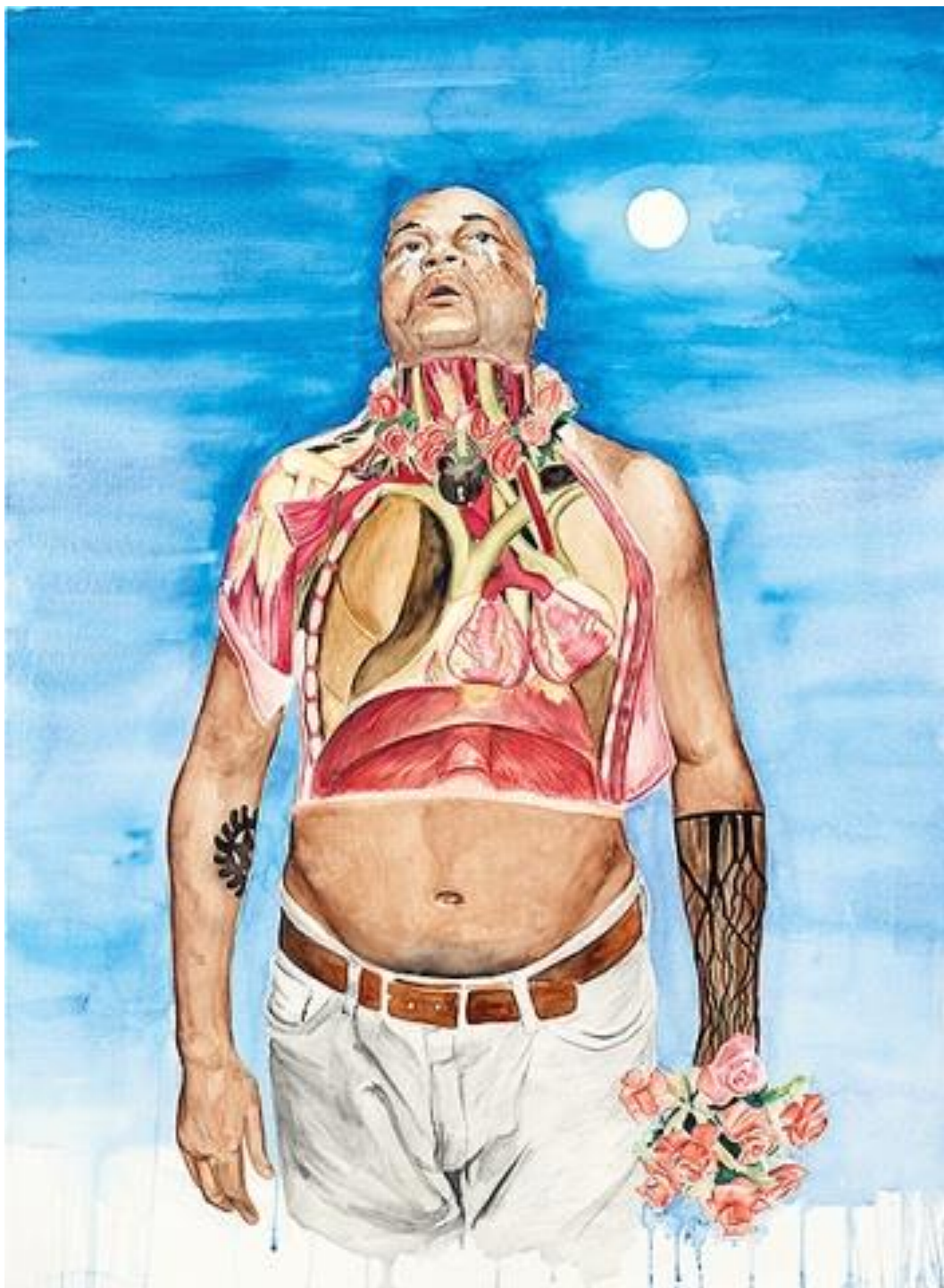


Figura 06 - Sidney Amaral (1973-2017), *Banzo ou anatomia de um homem só*, 2014

Aquarela e lápis sobre papel, 105 x 75 cm
Acervo Jardis Volpi (particular)

¹³ O artigo fará citações de poemas do poeta, dramaturgo e teórico russo Vladimir Maiakóvski (1893 - 1930), porque o artista realizava leituras de obras do poeta. Essa frase é comumente utilizada em diferentes exposições sobre Sidney Amaral, pois foi encontrada escrita em um papel no seu ateliê após seu falecimento. Assim, realizar a leitura de Maiakóvski auxiliou o processo de pesquisa.

O percurso histórico de Sidney Amaral é um verdadeiro mergulho. O artista dispõe sua sensibilidade e história para um diálogo subjetivo. Em diferentes obras, os temas se relacionam com as violências constantemente vividas pelas pessoas negras no Brasil.

Ele tem leveza das pinturas em aquarela, uma relação que o próprio artista destaca como agridoce. O artista também expõe seu próprio corpo em inúmeras obras como ressignificação das temáticas a serem discutidas, uma escolha que não traz somente uma técnica, mas uma conexão com a subjetividade e profundidade da arte de Sidney.



Figura 07 - Sidney Amaral (1973-2017), *Dor Fantasma*, 2014

Aquarela e lápis sobre papel 109 x 75 cm

A grandeza da produção deste artista que transcende a obra aqui retratada se dá por diversos fatores, as peças analisadas durante minha breve pesquisa me causavam diferentes sentimentos, eu me encontrava com o afeto e a raiva em segundos, a delicadeza de seus autorretratos ressignificam a figura do homem negro dentro da contemporaneidade, mas não somente isto, ele dispõe seu corpo como tela para suas angústias com diferentes dilemas sociais.

Segundo o curador e professor Claudinei Roberto da Silva, que esteve junto a Amaral nos seus últimos anos de vida e realizou uma palestra no Museu de Arte de São Paulo

(MASP), com o título “*Insurgência, urgência e afirmação na obra de Sidney Amaral*”. Especialmente a partir de 2013, às obras de Sidney ganham um olhar para os acontecimentos sociais e políticos no Brasil e são como “panfletos”, o artista demonstra nas suas peças as urgências da população negra e suas angústias são também coletivas.



Figura 08 - Sidney Amaral (1973-2017), *O Atleta ou O Sonho de Kichute*, 2013
Aquarela e lápis sobre papel. 55x75 cm

Nesta obra, por exemplo (**Fig. 08**), o artista traz o próprio corpo marcado com as logomarcas de empresas famosas, marcas que lembram cicatrizes e que fazem alusão a um corpo machucado, que remete às torturas que as pessoas escravizadas sofriam durante a escravatura no Brasil, uma obra que é relembrada em versões diferentes, sendo *Castigo* de 2013 uma das versões.

Assim, Amaral faz dentro de suas obras um diálogo, o artista retorna a obras já “terminadas” e as revive, troca ambientes, muda olhares e assim suas obras também assumem diferentes significados a partir da revisitação dos assuntos que se ligam aos debates atuais, as dores e angústias de uma pessoa negra na sociedade brasileira, sempre trazendo seu próprio corpo como forma de olhar para essas questões.

Em uma de suas falas em *Diálogos Ausentes*¹⁴, realizado pelo Itaú Cultural em 2016, o artista diz “*you begin freedom with nothing, you begin naked*”, esta frase de Sidney, dialogando

¹⁴ No ano de 2016, o Instituto Itaú Cultural realizou múltiplos debates com diferentes artistas negros, para debater acerca da arte afro-brasileira e os novos momentos que surgiam. Sidney Amaral participou de uma gravação em junho de 2016, individualizada, onde fala da sua trajetória pessoal, acadêmica e como artista. Também participou de um debate no dia 3 de junho de 2016, junto a Renata Felinto acerca do tema “*O negro nas artes visuais*”.

com a obra exposta neste artigo, consegue realizar um direcionamento de como essas temáticas fazem parte do olhar do artista.

Ao falar sobre a obra que traz forma a este artigo (**Fig. 06**), o artista fala que ele está exposto, numa ideia de *banzo*, com o corpo dissecado, pelo amor, mas também pelo sentimento de ser retirado do seu lar e colocado em um outro espaço. A obra mostra dois corações em um corpo aberto que carrega a sensação de estar vivo e morto conjuntamente, isso ocorre pela forma como o artista usa seu autorretrato e ao mesmo tempo delimita a parte “dissecada”, em tons leves e claros, com muitas flores, dispensando um olhar afetuoso e amoroso para a obra. Na mão também segura rosas em somente uma mão, em seu olhar existe uma profundidade cercada de lágrimas que parecem olhar o céu e o fundo da obra azul numa técnica que nos remete a algo infinito, a lembrança de um oceano.

Transferindo sua própria leitura do que seria o *banzo*, Amaral não se distancia da leitura histórica do sentimento, todavia seu autorretrato releva questionamentos próprios do artista, sua subjetividade e sua identidade com base no que ele denomina como “aquarela delicada”. Ao conversar com o histórico da palavra, move também todos os questionamentos do que seria ser uma pessoa negra dentro do contexto de sociedade atual, o que seria ser um homem negro, pensando também em sua ancestralidade, em seu amor e na cozinha de casa.

Sidney Amaral trabalha dentro de suas obras diversos temas ligados à violência ligada ao racismo, mas, para além disso, interage com uma sociedade com muitos resquícios de sua colonização. Dando vida a novas narrativas e expressando com pinturas e esculturas tudo aquilo que lhe afeta, aqui trazendo uma dinâmica do afeto não romântico, mas do contato do artista com o mundo ao seu redor ou com seu próprio mundo.

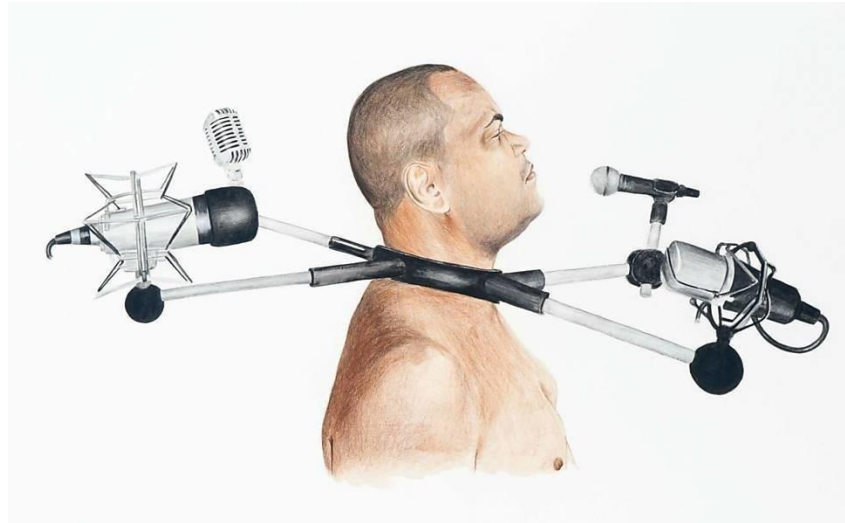


Figura 09 - Sidney Amaral (1973-2017), *Gargalheira ou quem falará por nós?*, 2014
Aquarela e lápis sobre papel, 55 x 75 cm
Coleção particular

Sidney traz em suas obras muitas memórias da escravatura no Brasil¹⁵, contudo ressignifica isso à medida que coloca em suas peças elementos atuais, trazendo seu corpo para o diálogo com aquilo que também gera repulsa e incômodo. Em especial, esta peça (**Fig. 09**) remete à ideia da exclusão, de não poder se expressar ou ser protagonista das próprias narrativas que afligem. O artista destaca “sempre tem alguém para falar por nós [...] só pode falar quando você tem essa superexposição, como cantor ou como bandido”.

A sensibilidade exposta através do corpo de um homem negro, expressa também uma nova narrativa dentro dos diálogos da arte negra no Brasil (NETO, 2018). Amaral não é como um telespectador de si mesmo, mas seu corpo não é excluído das temáticas que ele se propõe a trazer. Na verdade, por vezes, seu corpo é aquele que aparece sofrendo ou expondo todas as experiências possíveis dentro de suas obras.

Não existe somente uma nostalgia ou melancolia neste olhar, mas de fato uma ressignificação dos sentidos através do sentimento ou das diversas conexões que o próprio artista realiza com suas vivências e estudos.

¹⁵ Gargalheira ou “colar de ferro”, era um instrumento de castigo utilizado durante a época escravagista, visando marcação e tortura.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Nos demais – eu sei, qualquer um o sabe –
o coração tem domicílio, no peito.
Comigo, a anatomia ficou louca.
Sou todo coração – em todas as partes palpita.*
Vladimir Maiakóvski

A partir da pesquisa realizada, considera-se que o *banzo* passa por diferentes estudos, diversos teóricos até a atualidade, estes buscaram compreender o que seria este sentimento e defini-lo, contudo, durante o desenvolvimento da pesquisa, foi possível observar que ele pode ser visto e definido de diferentes maneiras se levarmos em conta as diversas linhas de pesquisa e estudo.

Através da observação de diferentes obras artísticas, com ênfase nas peças da exposição “*O banzo, o amor e a cozinha de casa*”, foi possível compreender que o olhar de Sidney Amaral e sua subjetividade enquanto pessoa negra transforma parte do que seria um significado único da palavra, evocando releituras do sentimento. Movimento este, que inclusive, é temporal, já que a pesquisa olhou para obras contemporâneas e de um momento no qual a arte afro-brasileira coloca diversos questionamentos sobre problemáticas antigas ou atuais que atravessam a vida das pessoas negras no Brasil e as construções de suas identidades (OLIVEIRA, 2012).

O presente artigo se debruçou sobre os estudos que traçaram o caminho da ideia da ressignificação desse sentimento, assim olhou atentamente para a obra *Banzo ou anatomia de um homem só* do artista Sidney Amaral e trouxe à tona as múltiplas linguagens do próprio artista, bem como a conexão com releituras voltadas à história unidas ao olhar subjetivo da identidade do artista e suas vivências.

Assim, a ressignificação do sentimento aparece e está presente na atualidade, contudo não contesta os estudos e as definições do que seria o *banzo*, nem sobre o sentimento de melancolia. Todavia, a forma de olhar que se possui sobre o *banzo* na atualidade também se conecta às vivências das pessoas negras no presente, não somente à ideia de ancestralidade.

Durante todo o processo de pesquisa, também ficou nítido que existe uma preocupação em ressignificar os olhares da população brasileira para as temáticas étnico-raciais, especialmente entre 2013 e 2017, assim os artistas buscam referências nas diferentes linhas das ciências humanas, bem como valorizam a oralidade e as heranças das africanidades existentes nos territórios brasileiros.

Por fim, a pesquisa buscou, em diferentes estudos e análises, compreender acerca do sentimento lembrado como *nostálgico* e definido como *banzo*. Durante este processo, se comprovou que os estudos sobre o léxico da palavra unido às experiências vividas pelas pessoas negras escravizadas no Brasil ainda estão se estendendo até os dias atuais, seja para a revisão de estudos anteriores ou para entender novos caminhos.

5. REFERÊNCIAS

Barbosa, Paulo Roberto Amaral. **Melancolia e questões estéticas Giorgio De Chirico**. Tese (Doutorado - Programa de Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo), orientação Profª Dra. Elza Maria Ajzenberg. São Paulo: s.n, 2011. Disponível em <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-03062011-104012/pt-br.php>> Acesso em: 20 jun. 2024.

Calado, Maria da Glória. **De sujeito a objeto de direito. Escola e o enfrentamento do racismo: as experiências das professoras ganhadoras do Prêmio Educar para Igualdade Racial**. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração :Psicologia da Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo), orientação da Profª Dra. Maria Cecília Cortez Christiano de Souza. São Paulo: s.n., 2013. Disponível em <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-25032014-133053/pt-br.php>> Acesso em: 20 dez. 2023.

Ribeiro, Darcy. **O povo brasileiro**. 2ª edição. Companhia das Letras, 1995.

Fanon, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Trad. Renato da Silva. Salvador: EDUFBA, 2008.

Fanon, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Enilce A. Rocha e Lucy Magalhães, Juiz de Fora: EdUFJF, 2009.

Freyre, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 25. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

Geertz, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

Neto, Hélio Santos Menezes. **Entre o visível e o oculto: a construção do conceito de arte afro-brasileira**. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo), orientação Profª Dra. Lilia Katri Moritz Schwarcz. São Paulo, 2018. Disponível em <<https://doi.org/10.11606/D.8.2018.tde-07082018-164253>> Acesso em: 10 jan. 2024.

Oliveira, Alecsandra Matias de. **Memória da Pele – o devir da arte contemporânea afro-brasileira**. Arte e Cultura da América Latina. São Paulo: Terceira Margem. Vol. XXVIII, 2º. Semestre, 2012, p. 35-42.

6. 1 Referências eletrônicas

Amaral, João; Michaelsen, Tatiana; Carlesso, Janaína. **Melancolia: Arte, Ciência e História no ocidente**. Research, Society and Development, Universidade Federal de Itajubá. Vol. 8, núm. 5, pp. 01-14, 2019. Disponível em <<https://www.redalyc.org/journal/5606/560662196052/html/>> Acesso em 20 jun. 2024.

ALMEIDA&DALE, artistas. **Sidney Amaral**. Disponível em <<https://www.almeidaedale.com.br/pt/artistas/sidney-amaral>> Acesso em: 20 de dezembro de dez. 2023.

ARTEVERSA, **Vidas negras, ironia e violência: a insurgência na pele de Sidney Amaral**. UFRGS, 2019. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/artevera/vidas-negras-ironia-e-violencia-a-insurgencia-na-pele-de-sidney-amaral/>> Acesso em: 20 dez. 2023.

<https://blog.useartools.com.br/a-arte-de-pablo-picasso/>

Silva, Claudinei Roberto; Miranda, Danilo Santos. **Sidney Amaral**. DASARTES 125 / Alto Relevo, 29 de nov. 2022. Disponível em <<https://dasartes.com.br/materias/sidney-amaral/>> Acesso em 20 jun. 2024.

COLEÇÃO SÉCULO 21, **BANZO - fotografias de Roger Silva**. Livro fotográfico. Artisan Raw Books, vol. 1. Paraná, 2021. Biblioteca de Fotografia do IMS Paulista [Instituto Moreira Salles]. Disponível em <<https://livrosdefotografia.org/publicacao/37652/banzo>> Acesso em: 20 dez. 2023.

Haag, Carlos. **A saudade que mata: pesquisa discute a polêmica questão do banzo como "nostalgia mortal" dos escravos**. Edição 172. Jun. 2010. Disponível em <<https://revistapesquisa.fapesp.br/a-saudade-que-mata/>> Acesso em 20 jun. 2024.

ITAÚ CULTURAL. **Diálogos ausentes. Renata Felinto e Sidney Amaral - O negro nas artes visuais**. Itaú Cultural, 2016. Disponível em <<https://youtu.be/ODiT3kjCud0?feature=shared>> Acesso em: 02 jan. 2024.

ITAÚ CULTURAL. **Diálogos ausentes**. Diálogos Ausentes. **Sidney Amaral**. Itaú Cultural, 2016. <<https://youtu.be/IVT7gx0p-t8?feature=shared>> Acesso em: 02 jan. 2024.

Magri, Diogo. **“O negro está isolado há muito tempo. A pandemia só aprofundou isso”, diz vencedor de concurso**. EL País, São Paulo, 23 de Agosto de 2020. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-23/o-negro-esta-isolado-ha-muito-tempo-a-pandemia-so-aprofundou-isso-diz-vencedor-de-concurso.html>> Acesso em: 20 dez. 2023.

Museu Afro Brasil. **O banzo, o amor e a cozinha de casa.** Sidney Amaral. São Paulo, 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yj_GaAK87OY>. Acesso em: 02 jan. 2024.

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. **MASP palestras. Insurgência, urgência e afirmação na obra de Sidney Amaral.** Claudinei Roberto da Silva. São Paulo, 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=0aqRCaHivVQ>> Acesso em: 10 mai. 2024.

Musée Picasso Paris. **Chefs D' Oeuvre - de la collection.** Disponível em <<https://www.museepicassoparis.fr/fr/autoprotrait>> Acesso em 20 jun. 2024.

Oda, Ana Maria Galdini Raimundo. O banzo e outros males: o páthos dos negros escravos na Memória de Oliveira Mendes. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 346-61, jun. 2007. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/1415-47142007002013>> Acesso em: 20 dez. 2023.

Oda, Ana Maria Galdini Raimundo. Da enfermidade chamada banzo: excertos de Sigaud e de von Martius (1844). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 762-778, dez. 2008 (Suplemento). Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1415-47142008000500004>> Acesso em: 20 dez. 2023.

Oda, Ana Maria Galdini Raimundo. Escravidão e nostalgia no Brasil: o banzo. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 735-761, dez. 2008 (Suplemento). Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1415-47142008000500003>> Acesso em: 20 dez. 2023.

Silva, Marcos da Silva. **O banzo, um conceito existencial: um afroperspectivismo filosófico do existir-negro.** Griot: Revista de Filosofia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, vol. 17, núm. 1, pp. 48-60, 2018. Disponível em <<https://www.redalyc.org/journal/5766/576664502005/html/>> Acesso em 20 jun. 2024.

The National Gallery. **Louis Jean François Lagrenée.** Disponível em <<https://www.nationalgallery.org.uk/artists/louis-jean-francois-lagrenée>> Acesso em 20 jun. 2024.

TUDO É POEMA. **VLADIMIR MAIAKOVSKI – ADULTOS.** 2018. Disponível em <<https://www.tudoepoema.com.br/vladimir-maiakovski-adultos/>> Acesso em: 10 mai. 2024.

WikiArt (Visual Art Encyclopedia). Sidney Amaral, **Banzo or Anatomy of a lonely man**. Brasil, 2014. Disponível em <<https://www.wikiart.org/en/sidney-amaral/banzo-or-anatomy-of-a-lonely-man-2014>> Acesso em 30 mar. 2024.

WikiArt (Visual Art Encyclopedia). Pablo Picasso, **The death of Casagemas**. 1901. Musée Picasso, Paris, France. Disponível em <<https://www.wikiart.org/en/pablo-picasso/the-death-of-casagemas-1901>> Acesso em 20 jun. 2024.

WikiArt (Visual Art Encyclopedia). Sidney Amaral, **Punishment collar or who will speak for us**. Brasil, 2014. Disponível em <<https://www.wikiart.org/pt/sidney-amaral/punishment-collar-or-who-will-speak-for-us-2014>> Acesso em 20 jun. 2024.

Xavier, Antonio Roberto; Xavier, Lisimere Cordeiro do Vale. **Colonização e formação da sociedade brasileira: causas, características e consequências**. XI ENCONTRO CEARENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, Ceará. 2012. Disponível em <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24866/1/2012_eve_arxavier.pdf> Acesso em 20 jun. 2024.